

## REVISITANDO O SUJEITO PRONOMINAL VINTE ANOS DEPOIS

*Revisiting the pronominal subject after twenty years*

**Maria Eugenia Lammoglia Duarte<sup>1</sup>**

**Eduardo Patrick Rezende dos Reis<sup>2</sup>**

eugenia@brazilmail.com

eduardopatrick3210@gmail.com

**RESUMO:** Este artigo apresenta os resultados de uma análise da realização do sujeito pronominal de referência definida com base em amostra recente da fala carioca. Os resultados, comparados com os de Duarte (1995) para a fala culta carioca, revelam semelhanças com relação à 2<sup>a</sup>. pessoa, um quadro de mudança quase concluída. Em relação à 1<sup>a</sup> e à 3<sup>a</sup> pessoas, há um significativo avanço ao longo de vinte anos. Como a 3<sup>a</sup> pessoa ainda apresenta um curso mais lento no processo, dedicamos a ela uma análise mais refinada, que aponta três fatores estruturais como relevantes na mudança: o padrão estrutural, o feixe de traços semânticos e a estrutura do Sintagma Complementizador (CP).

**PALAVRAS-CHAVE:** Sintaxe; Parâmetro do Sujeito Nulo; Português Brasileiro; Sujeitos de Referência Definida.

**ABSTRACT:** This article presents a new analysis of the expression of referential pronominal subjects, based on a recent sample of Rio de Janeiro speech, recorded in 2009-2010. The results are compared with Duarte's (1995) analysis based on a sample of the same speech community in 1992. The results show that, with respect to 2<sup>nd</sup> person, we face an almost complete process of change towards overt subjects. With respect to 1<sup>st</sup> and 3<sup>rd</sup> person, there has been a significant rise of overt pronouns. Since 3<sup>rd</sup> person still presents lower rates of overt subjects, as compared to 1<sup>st</sup> and 2<sup>nd</sup>, we present a refined analysis of 3<sup>rd</sup> person subjects. The results point out three structural factors as relevant in the process: the structural pattern, the cluster of semantic features and the structure of the Complementizer Phrase (CP).

**KEYWORDS:** Syntax; Null Subject Parameter; Brazilian Portuguese; Definite Referential Subjects.

---

<sup>1</sup> Professor Titular, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

<sup>2</sup> Graduando em Letras, Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

## **INTRODUÇÃO**

Neste artigo revisitamos a expressão do sujeito pronominal no Português Brasileiro (PB) com o objetivo de confrontar resultados obtidos em amostra recente, gravada entre os anos 2009 e 2010, com os obtidos por Duarte (1995) para a fala carioca, com base na Amostra NURC (Norma Urbana Culta – 1992). Nosso objetivo é investigar a propagação da mudança na expressão do sujeito de referência definida, que já se achava avançada na 1ª e 2ª pessoas, com a 3ª revelando ainda certa resistência. A hipótese que orienta a análise é que os resultados apresentarão avanço na 3ª pessoa e certa estabilidade na 1ª e 2ª: como sabemos, a curva da propagação da mudança revela maior lentidão nos estágios iniciais e finais do processo.

Na primeira seção, apresentamos o quadro teórico que norteia nossa pesquisa; em 2, retomamos brevemente a motivação e os resultados da análise variacionista de Duarte (1993; 1995) à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros, postulada por Chomsky (1981); na segunda, descrevemos a amostra a ser analisada e os fatores estruturais acrescentados na análise dos dados; a seção 3 apresenta a metodologia de análise e, em 4, mostramos os resultados da análise da fala carioca “vinte anos depois”, discutindo o que eles sugerem sobre o comportamento do PB nesse lapso de tempo; finalmente, em 5, fechamos o artigo com algumas considerações sobre o alegado estatuto do PB como Língua de Sujeito Nulo “parcial” (Holmberg 2010, entre outros) e sobre o quadro teórico adotado e as vantagens que este oferece a uma análise da mudança em curso.

### **1. O QUADRO TEÓRICO**

Os pressupostos teóricos norteadores da pesquisa se fundamentam na associação entre a Teoria da Variação e Mudança – TVM, também referida como Sociolinguística Variacionista – (Weinreich, Labov e Herzog 2006 [1968]) e a Teoria de Princípios e Parâmetros – TP&P – (Chomsky 1981). Enquanto a TVM fornece subsídios para tratarmos do fenômeno da variação e mudança linguística, mostrando os passos da investigação por meio de um elenco de problemas a ser investigados, a TP&P fornece uma completa descrição das propriedades que caracterizam o Parâmetro do Sujeito Nulo (PSN), que guia a aplicação do modelo de mudança, desde o levantamento de hipóteses, o estabelecimento dos grupos de fatores, a

interpretação dos resultados, além de, sobretudo, nos permitir prever ou identificar outros efeitos colaterais desencadeados pela mudança de uma forma não acidental. O surgimento de um novo traço no sistema pode deixar de ser relacionado a um fenômeno de mudança se não se dispuser de uma teoria linguística capaz de permitir essa relação. Assim, a utilização de uma teoria gramatical é indispensável para pôr em prática qualquer pesquisa de natureza sociolinguística. E foi isso que fizeram e têm feito todos os sociolinguistas que investigaram e investigam fenômenos variáveis em fonologia, morfologia, sintaxe.

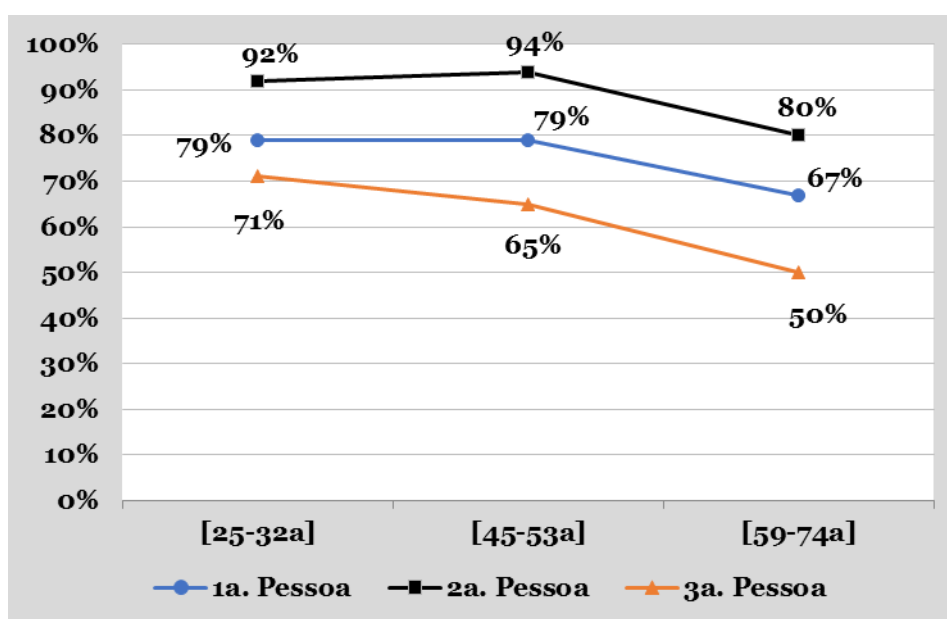
Essa associação da TVM com a TP&P foi formalmente proposta por Tarallo (1987), quando o autor fez uma leitura “paramétrica” de resultados de pesquisas variacionistas sobre variedades românicas, num momento em que a TP&P estava, segundo ele, “em plena infância” (p.52). Tal leitura utilizou resultados de pesquisas empíricas que utilizaram a TVM e teorias linguísticas fonológicas e sintáticas vigentes. Essa cuidadosa leitura de análises do português, variedades do espanhol e do francês, permitiu ao autor vislumbrar as vantagens da associação proposta na busca de respostas para as questões colocadas pelo modelo da TVM, como o princípio das **restrições**, que viria a permitir o elencamento de conjuntos de mudanças possíveis; o princípio da **implementação** (origem e propagação de uma nova forma no sistema) de mudanças num determinado momento e não em outro; e, particularmente, o princípio do **encaixamento**, que busca identificar o que teria levado à entrada de determinado traço no sistema e as consequências ou efeitos colaterais relacionados a essa entrada de forma **não casual**. As propriedades relacionadas ao parâmetro seriam um caminho a guiar essa busca de respostas. Da mesma forma, os resultados da pesquisa variacionista poderiam levar a “uma redefinição de um parâmetro e um realinhamento de suas propriedades” (p.70).

Como esperamos mostrar neste artigo, transcorridos 37 anos da formulação da TP&P e 31 anos da proposta de Tarallo, hoje **não fazemos apenas uma leitura paramétrica** dos resultados das pesquisas variacionistas, pois já dispomos de uma teoria linguística suficientemente “adulta” e muito bem fundamentada. Tomamos o elenco de propriedades relacionadas a um determinado valor paramétrico como nosso **ponto de partida**, desde a formulação de hipóteses e o levantamento dos grupos de fatores até a interpretação dos resultados. Temos podido acompanhar a evolução da TP&P, desde sua formulação, passando por reformulações para acomodar as evidências empíricas vindas de diferentes sistemas linguísticos, que só

contribuem para seu aperfeiçoamento. E a Sociolinguística Paramétrica, já sem as aspas, (ou Socioparamétrica) tem muito a contribuir nesse sentido. (Cf. Duarte 2016)

## 2. PONTOS DE PARTIDA

A análise sincrônica da fala carioca apresentada em Duarte (1995) teve sua motivação numa pesquisa diacrônica (Duarte 1993; 2018) com base em peças de teatro escritas por autores cariocas e ambientadas no Rio de Janeiro entre 1845 e 1992. Os resultados mostraram uma expressiva queda na ocorrência do sujeito nulo, com uma clara sugestão de mudança em curso, com a 2ª e 1ª pessoas liderando o processo em relação à 3ª. Tais resultados seriam confirmados pela análise da fala culta carioca,<sup>3</sup> que atestou não só a mesma hierarquia como também permitiu observar o percurso da mudança no “tempo aparente” (Labov 2008 [1972]), observando as três faixas etárias contempladas na amostra. O Gráfico 1 mostra os resultados percentuais segundo a pessoa e a faixa etária:



**Gráfico 1:** Sujeitos expressos (vs nulos) segundo a pessoa e a faixa etária.

(Adap. de Duarte 1995, Gráfico 3.1, p. 48)

<sup>3</sup> A análise da fala popular carioca (Duarte 2003), com base na Amostra PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua – mostra resultados bastante semelhantes aos da Amostra NURC, com índices altos e regulares em todas as faixas etárias.

As linhas mostram a mesma hierarquia, com a 2ª pessoa liderando a mudança, seguida pelas 1ª e 3ª pessoas nas três faixas etárias exibidas no eixo horizontal. Examinando os percentuais de sujeitos pronominais expressos relativos aos dois grupos mais jovens (entre 25-32 anos e 45-53 anos), vemos um comportamento muito semelhante em relação às três pessoas do discurso (aqui incluindo singular e plural, que não mostraram diferenças significativas); o grupo mais velho (59-74 anos) é o que ainda exibe índices mais baixos e, embora já tenha avançado em relação ao sujeito expresso de 1ª e 2ª pessoas, mantém um equilíbrio entre sujeitos nulos e expressos de 3ª pessoa. A 2ª pessoa se apresenta como um caso de mudança quase concluída, com sujeitos nulos restritos a contextos em que são pragmaticamente identificados, podendo ocorrer mesmo em sistemas [-Sujeito Nulo], como perguntas (1a); são muito raros sujeitos nulos numa oração encaixada com o sujeito correferente com o da principal (1b):

- (1) a.  $\emptyset_{2ps}$  Sabe o que é pinho de riga?  
b. **Você<sub>i</sub>** falou que  $\emptyset_i$  não gosta de cozinhar.

Como mostra a primeira linha do Gráfico 1, a preferência recai sobre o sujeito expresso:

- (2) a. O que que **você** quer dizer com forma?  
b. E [quando **você<sub>s</sub>** estão andando na vila (olímpica)], **você<sub>s</sub>** reconhecem (os astros do esporte)?

Quanto à 1ª pessoa, os sujeitos nulos ainda resistem em contextos iniciais, principalmente com uma categoria funcional em primeira posição, como a negação e advérbios aspectuais, clíticos ou um auxiliar (3a-d), mas com índices significativamente mais baixos em relação aos expressos, como se vê na segunda linha do Gráfico 1:

- (3) a.  $\emptyset_{1ps}$  Não gosto de boxe.  
b.  $\emptyset_{1ps}$  Nunca vi isso na minha vida.  
c.  $\emptyset_{1ps}$  Me tornei completamente independente.  
d.  $\emptyset_{1ps}$  Vou pegar meu filho como exemplo.

Mesmo em contextos com sujeitos correferentes, os sujeitos nulos de 1ª pessoa ocorrem em índices muito inferiores aos expressos e se encontram na fala dos mais velhos:

- (4) a. Depois **eu<sub>i</sub>** fui dirigir a Fundação X, de onde **Ø<sub>i</sub>** saí no ano passado, quando **Ø<sub>i</sub>** fui requisitado também para a Secretaria X, onde **Ø<sub>i</sub>** dirigi durante seis meses essa Secretaria.  
b. **Eu** acho que [quando **eu** era criança] **eu** era a maior “Maria vai com as outras”.

Os sujeitos nulos de 3ª pessoa, ao contrário dos de 1ª e 2ª, que são dêíticos, dependem de um antecedente que os identifique; são, pois, anafóricos. Em (5a-b), ilustramos o sujeito nulo e expresso com o antecedente em oração adjacente e em (6a-b) em encaixadas com o antecedente na função de sujeito da principal:

- (5) a. E **ele<sub>i</sub>** tinha que ir à luta. **Ø<sub>i</sub>** Se atirou de peito aberto.  
b. **O cara<sub>i</sub>** já fez todas as matérias. **Ele<sub>i</sub>** não pode fazer de novo.
- (6) a. Mas **ele** sentiu [que **Ø<sub>i</sub>** era o único novo ali, recém-casado...]  
b. **Ela<sub>i</sub>** ficou solteira [porque **ela<sub>i</sub>** quis.]

Observando novamente os percentuais no Gráfico 1, vemos a linha da 3ª pessoa com os índices mais baixos de sujeitos expressos, particularmente na faixa etária mais alta, que é o grupo em que ainda foi atestado o sujeito nulo com o antecedente numa adverbial anteposta, ilustrado em (7a). Esse tipo de estrutura, com o sujeito nulo sem c-comando, característico das LSNs do grupo românico, já se encontra praticamente extinto na amostra analisada, tendo sido o contexto que mais prontamente motiva o pronome expresso no PB (7b):

- (7) a. Depois que **Arnaldo<sub>i</sub>** perdeu a visão, [**Ø<sub>i</sub>** não dirigiu mais.]  
b. Quando **ele<sub>i</sub>** viu o que que era o banheiro, [**ele<sub>i</sub>** ficou apavorado.]

Há, entretanto, um outro importante aspecto que distingue a terceira pessoa: enquanto os sujeitos de 1ª e 2ª têm o traço inerentemente [+humano], na 3ª interagem os traços [+humano/-humano/-animado] com os traços [+/-específico]. Os exemplos em (5a), (6a,b) e (7a-b) mostram sujeitos nulos e expressos com o traço [+hum/+esp]; e (5b), [+hum/-esp]. Em (8) e (9), vemos sujeitos nulos e preenchidos

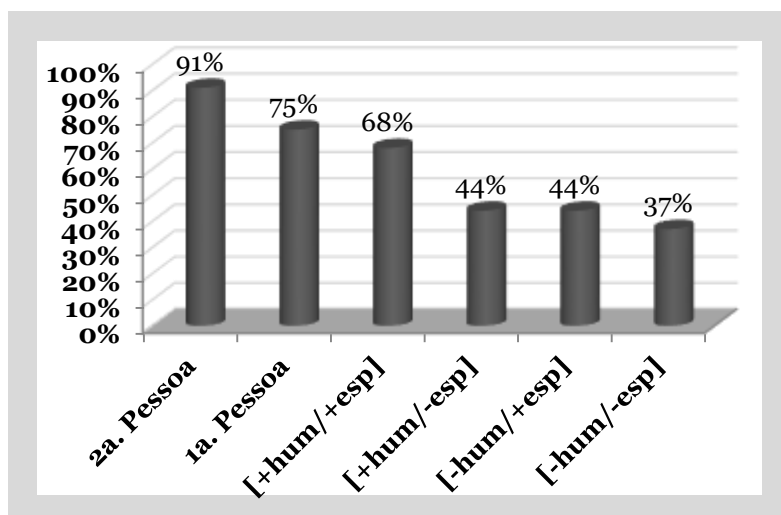
nos mesmos contextos ilustrados em (5) e (6) acima com referentes [-hum/-anim/+esp]:<sup>4</sup>

- (8) a. [**O Rio de Janeiro**]<sub>i</sub> é uma beleza! Realmente  $\emptyset$ <sub>i</sub> é uma cidade linda.  
b. Na verdade, [**a varanda**]<sub>i</sub> [como  $\emptyset$ <sub>i</sub> é feita no Brasil hoje], ela é uma espécie de um mirante.
- (9) a. [**Nova Trento**]<sub>i</sub> é do tamanho da rua São Clemente de Botafogo. **Ela**<sub>i</sub> é desse tamanho. **Ela**<sub>i</sub> não tem paralela.  
c. [**A casa**]<sub>i</sub> virou um filme [quando **ela**<sub>i</sub> teve de ir abaixo].

A análise de Duarte (1995) já apontava que o grupo de fatores que contemplava esse conjunto de traços semânticos era o responsável pelo curso mais lento da implementação do pronome expresso de 3<sup>a</sup> pessoa. O Gráfico 2, a seguir, representa os percentuais de sujeitos expressos, levando em conta esse grupo de fatores de natureza semântica, que viria a ser formalizado como a hierarquia referencial proposta por Cyrino, Duarte e Kato (2000) (cf. seção 3), altamente relevante nos processos envolvendo mudanças em direção ao pronome expresso (Duarte 1993, 1995) e em direção ao seu apagamento, processo que se iniciaria pelos itens menos referenciais (Cyrino 1993; 1994):

---

<sup>4</sup> Nossa amostra não contém referentes com o traço [-humano/+anim], como nomes de animais de estimação. O fato de atestarmos pronomes entre 544% e 37% de pronomes expressos com o traço [-hum/-anim] já é revelador do afastamento do PB das LSNs do grupo românico.



**Gráfico 2:** Sujeitos expressos ao longo da hierarquia referencial. (Duarte, Mourão e Santos, 2012, p. 42)

Como podemos observar, a inquestionável liderança da 2ª pessoa no processo de mudança é seguida pela 1ª e 3ª pessoas, esta com o traço semântico [+hum/+esp]. A diferença entre os percentuais é inferior a 10%, o que confirma a relevância do traço [+hum] combinado com o traço [+esp]. As colunas seguintes vão nos mostrar que o traço [-hum/-anim] e o traço [-esp] são os fatores mais resistentes a um pronome expresso. Isso não surpreende, se levarmos em conta que, nas línguas românicas de sujeito nulo, referentes com o traço [-hum/-anim] não são representados por pronomes pessoais. E o fato de o PB já contar com 44% e 37% de pronomes com esse traço, combinado com [+/-esp] já é evidência suficiente para uma mudança muito significativa. Para a Teoria da Variação e Mudança, essa seria uma primeira evidência do **encaixamento** da mudança, isto é, o aparecimento de um efeito “colateral”, que não pode ser atribuído ao acaso. Uma análise que deixasse de levar em conta o quadro teórico que norteia nossa pesquisa poderia deixar passar despercebida a entrada de pronomes pessoais com o traço [-hum] no PB.

Finalizamos esta seção mostrando mais um efeito colateral da mudança, mais uma evidência do afastamento do PB das línguas românicas de sujeito nulo: a implementação de estruturas de deslocamento à esquerda, com um tópico marcado retomado por um pronome fraco, que resulta da perda do caráter pronominal da flexão verbal no PB (cf. Kato 1999). Os exemplos em (10) mostram que essas estruturas não sofrem restrições no PB, podendo ocorrer em contextos iniciais ou encaixados, e exibir, além de um pronome forte ou um DP [+hum/+esp] deslocados



(10a-c), como o francês (Barnes 1986), DPs com o feixe de traços [+hum/-esp] (10) ou ainda [-anim/+/-esp] (10e,f), com ou sem elementos intervenientes:

- (10) a. **EU, eu** sinto demais isso, né?  
b. **EU**, de certa maneira, **eu** gosto muito do Caetano.  
c. Eu acho [que [**o povo brasileiro**]<sub>i</sub> **ele**<sub>i</sub> tem uma grave doença].  
d. Lá, [**um homem comum**]<sub>i</sub> **ele**<sub>i</sub> tem um conforto compatível com o de um ser humano  
e. Então [**o Instituto de X.**]<sub>i</sub> **ele**<sub>i</sub> manda os piores professores; [**os melhores**]<sub>i</sub>, **eles**<sub>i</sub> dão aula no curso de Y.  
f. [**Um apartamento com um banheiro só**]<sub>i</sub> **ele**<sub>i</sub> já vale menos.

Sem uma perspectiva interlinguística como a que adotamos, essas estruturas com o sujeito deslocado à esquerda, não atestadas nas LSNs do grupo românico, e fartamente atestadas no francês, um sistema [-Sujeito Nulo] (cf. Barnes 1986; Avanzi, 2011), evidenciam a entrada de um novo traço no sistema, que não ocorre de forma **accidental**. Trata-se de uma evidência do “encaixamento” da mudança, um dos problemas mais caros ao estudo da variação e mudança e de difícil identificação quando a pesquisa se ressentir de uma teoria linguística capaz de um levar o pesquisador à identificação desses novos traços provocados por mudanças (cf. Weinreich, Labov, Herzog, 1968). Temos, assim, três importantes evidências do encaixamento na mudança: a perda do sujeito nulo em construções sem c-comando, o desenvolvimento de pronomes pessoais com o traço [-animado] e o surgimento das construções de Deslocamento à Esquerda, fruto da criação de um paradigma de pronomes fracos, que substituem a flexão já incapaz de licenciar e identificar sujeitos nulos, que coexiste com um paradigma de pronomes fortes, externos ao Sintagma flexional (cf. Kato 1999).

### 3. AMOSTRA E METODOLOGIA

O *corpus* analisado pertence ao PROJETO CONCORDÂNCIA, disponível em ([www.concordancia.ufrj.br](http://www.concordancia.ufrj.br)), com entrevistas gravadas entre 2009 e 2010, que englobam falantes de duas localidades de Lisboa (Oeiras e Cacém) e do Rio de Janeiro (Copacabana e Nova Iguaçu), estratificados segundo a faixa etária, o nível de escolaridade e o gênero.

Para este artigo, foram analisados todos os inquiridos de Copacabana e Nova Iguaçu, que contemplam os dois gêneros, três faixas etárias e três níveis de escolaridade, um total de 36 falantes (18 por localidade). Os dados passaram por um tratamento estatístico com o auxílio do programa GoldVarb X (Tagliamonte 2005), o que permitiu tanto a análise quantitativa quanto qualitativa dos resultados, a fim de verificar como se comporta a Língua-E em relação ao fenômeno de mudança em curso observado por Duarte (1995) no tempo aparente: que contextos ainda refletem uma gramática [+Sujeito Nulo]? Que contextos já não oferecem resistência à completude da mudança?

Com relação à coleta de dados, não computamos sujeitos correferentes em estruturas coordenadas (a partir do segundo membro da coordenação) porque essa não é uma propriedade relacionada ao PSN; em línguas [-Sujeito Nulo], como o inglês, é possível o não preenchimento de um sujeito em tais contextos. Por fim, os grupos de fatores foram levantados com base no quadro teórico brevemente citado na seção 2, tomando os grupos levantados em Duarte (1995), alguns dos quais foram refinados em análises posteriores, como (a) os padrões sentenciais, que levam em conta a posição e a função do antecedente, dentro do período ou em oração adjacente e (b) os feixes de traços semânticos, a partir de Cyrino, Duarte e Kato (2000). Foi ainda incluído o grupo **gênero semântico**, proposto por Othero e Spinelli (2017) para a análise do sujeito e do objeto anafórico; para os autores, esse grupo teria um poder explicativo mais econômico na realização do sujeito e do objeto do que os feixes de traços semânticos propostos por Cyrino, Duarte e Kato (2000). A seguir, apresentamos a lista completa de grupos considerados na análise:

#### DE ORDEM LINGUÍSTICA:

- a) A realização do sujeito (nulo x expresso);
- b) A pessoa do discurso e número (1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup>, 3<sup>a</sup>; singular, plural);
- c) Morfologia verbal (desinências distintivas e desinência zero);
- d) Tempo e modo verbal;
- e) Estrutura do Sintagma Complementizador (CP) (encabeçado por pronomes relativos e interrogativos; por conjunções; ou sem qualquer elementos);
- f) Elementos entre o Especificador do Sintagma Flexional (IP) e seu núcleo (negação, clíticos, advérbios aspectuais);

- g) O padrão sentencial;
- h) O feixe de traços semânticos do sujeito de terceira pessoa;
- i) O gênero semântico;

DE ORDEM SOCIAL:

- j) O gênero do entrevistado;
- k) A faixa etária (18-35/ 36-55/56-75);
- l) Nível de escolaridade (Fundamental/2º segmento; Médio; Superior;);

Faremos uma breve descrição dos três últimos grupos de fatores de natureza estrutural.

### 3.1 O PADRÃO SENTENCIAL

O grupo de fatores **padrão sentencial** é de grande importância, em virtude de certas configurações sintáticas terem no sujeito nulo a forma não marcada de realização nas línguas [+Sujeito Nulo], ilustrada em (11a), sendo este um contexto-chave num processo de mudança. O uso de um pronome retomando o sujeito de uma principal em tal configuração, num contexto não marcado (sem ênfase ou contraste), visto em (11b), é uma forte evidência de desobediência ao princípio “evite pronome” (Chomsky 1981), que subjaz uma língua de sujeito nulo consistente.

- (11) a. [**Meu marido**]<sub>i</sub> foi quase preso aí no forte [porque Ø<sub>i</sub> foi mergulhar]. (M, 3, M)<sup>5</sup>
- b. [Se **ele**<sub>i</sub> tem], alguma coisa **ele**<sub>i</sub> fez. (H, 2, M)

Padrão semelhante é aquele em que o antecedente se encontra no período adjacente na mesma função.

- (12) a. [**Minha família**]<sub>i</sub> é muito escandalosa, muito escandalosa. Ø<sub>i</sub> grita, berra... (H, 2, F).
- b. [**Meu filho**]<sub>i</sub> era muito novinho. **Ele**<sub>i</sub> devia ter o quê? [...] (M, 2, S)

---

<sup>5</sup> Os dados são identificados segundo o gênero - Homem/Mulher; a faixa etária – 1 (18-35); 2 (36-55) e 3 (56-75); e o nível de escolaridade – F (Fundamental, M (Ensino Médio) e S (Superior).

Por outro lado, um antecedente em função diferente ou distante, como veremos na análise, pode levar ou não à realização fonética do sujeito, nas línguas de sujeito nulo consistentes, a depender de fatores funcionais, ou seja, um sujeito só é expresso, se sua omissão provocar ambiguidade. Por isso, a acessibilidade sintática do antecedente na estrutura – no mesmo período ou em período adjacente – como vimos em (11) e (12), juntamente com a sua função sintática são altamente relevantes para esta análise.

O traço semântico dos referentes de terceira pessoa se mostrou muito relevante nos processos de mudança envolvendo o sujeito (Duarte 1993; 1995) e o objeto (Cyrino 1993; 1994) em estudos diacrônicos do PB. Foi a partir dessas análises que Cyrino, Duarte & Kato (2000) propuseram a atuação de uma hierarquia referencial nos processos envolvendo pronomes. Segundo a Hierarquia de Referencialidade, quanto mais referenciais os argumentos mais eles tenderão a ser expressos em casos envolvendo mudança em direção ao preenchimento de uma categoria; no caso de uma mudança em direção a uma categoria vazia, essa começaria pelos itens menos referenciais. No caso do objeto, a mudança se iniciou pelos objetos oracionais (proposicionais ou neutros), seguiu pelos DPs de traço [-anim/-/+esp], [-hum/-/+esp], encontrando mais resistência naqueles com o traço [+hum/+esp].

Com o sujeito, percorremos toda a hierarquia referencial: os pronomes de 1ª e 2ª pessoas, com o traço inerentemente [+humano], figurando no topo da escala referencial, foram os primeiros afetados pela mudança, como vimos no Gráfico 2. Na 3ª pessoa, a possibilidade de interação dos traços [+/- humano], [+/- animado] e [+/- específico] explicaria o porquê de a mudança afetar mais paulatinamente essa pessoa do discurso. Assim, DPs de terceira pessoa com o traço [+hum/+esp] como no exemplo (13a) tendem a ser atingidos pela mudança mais rapidamente do que aqueles que apresentam o traço [-hum/+esp], contextos em que um pronome nulo constitui um contexto de resistência, como em (13b):

- (13) a. Tem **[dois primo(s) meu]<sub>i</sub>** [que **[o(s) pais]<sub>j</sub>**] deles se separaram agora, há pouco tempo]. Tem uns cinco meses que **eles<sub>j</sub>** se separaram. **Eles<sub>i</sub>** enfrentaram uma barra “meia” pesada. (H, 1, F)
- b. **[As casas]<sub>i</sub>** realmente não têm conforto. **Ø<sub>i</sub>** são precárias. (H, 1, M)

Antes de prosseguirmos para o próximo grupo de fatores, informamos que fizemos uma rodada em que computamos, como fatores distintos, os referentes humanos e os animados, pois sabemos da importância dessa distinção; contudo, devido à pouca frequência de referentes animados não humanos em nosso **corpus** – foram computados apenas dois dados, um expresso e um nulo, ambos [+esp], citados abaixo – decidimos incluí-los entre os dados com a interação de traços [-hum/+esp].

- (14) **[O animal chamado irracional]<sub>i</sub>**, **ele<sub>i</sub>** só agride quando **Ø<sub>i</sub>** tá com fome.  
(H, 3, S)

Fechando esta seção, levantamos mais um grupo de cunho semântico. Estabelecida por Creus & Menuzzi (2004) para a análise da expressão do objeto direto, a **hipótese do gênero semântico**, aplicada posteriormente à análise do sujeito em peças de teatro por Othero e Spinelli (2017), prevê que o **sexo natural** do DP antecedente teria relevância na decisão entre a retomada por um pronome expresso ou por uma categoria vazia. Em outras palavras, o DP que apresentar o traço [+gênero marcado] tenderá a ser retomado por um pronome foneticamente realizado, como em (15a), enquanto aquele que apresentar o traço [-gênero marcado], não, como em (15b-d),

- (15) a. A UPP é pura fachada. Essa semana mesmo eles agrediram **[um sobrinho meu]<sub>i</sub>**. **Ele<sub>i</sub>** foi comemorar o jogo do botafogo. (H, 2, F)  
b. **[O sistema público]<sub>i</sub>** é totalmente diferente de empresas privadas. **Ø<sub>i</sub>** não funciona da mesma maneira. (H, 2, S)  
c. **Os adolescentes pedindo esmola, pedindo dinheiro<sub>i</sub>**, **eles<sub>i</sub>** vão com argumento... (H, 1, M),  
d. Os pais não souberam educar **[aquela criança]<sub>i</sub>** daquela maneira, né. Então, **ela<sub>i</sub>** **cresceu suscetível ao que os outros falam**. **Às vezes, ela<sub>i</sub>** **vai, como a gente diz**, vai na onda dos outros, entendeu?

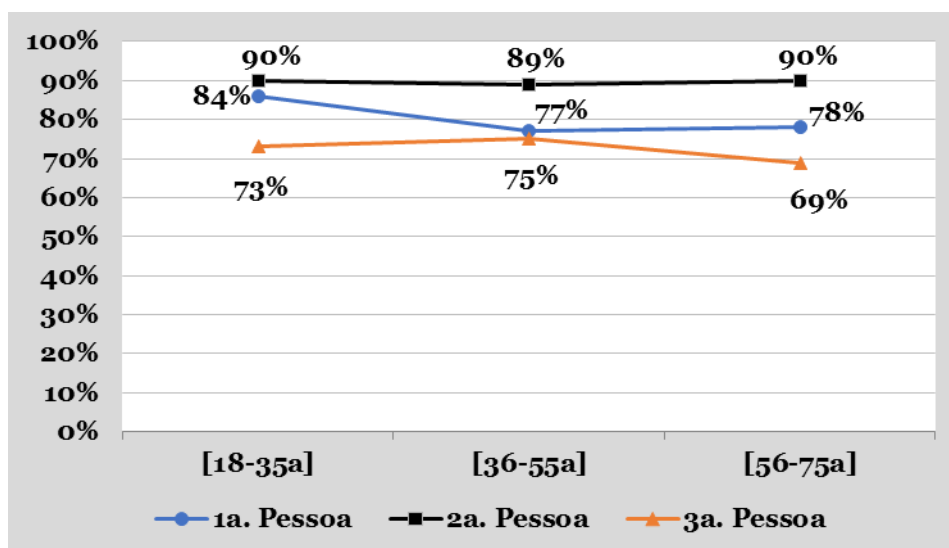
Considerando que as línguas [+Sujeito Nulo] do grupo românico não têm pronomes pessoais para referentes [-animados] como (15b), mas os utilizam

normalmente para os referentes [+humanos] em (15c,d), vemos com desconfiança o poder explicativo desse grupo no processo de mudança aqui examinado.

#### 4. A ANÁLISE

##### 4.1 RESULTADOS GERAIS

Foram computados 2215 dados de 1ª, 2ª e 3ª pessoas distribuídos no Gráfico 3, a seguir, segundo a faixa etária dos falantes.



**Gráfico 3:** Sujeitos pronominais expressos (vs nulos) segundo a pessoa e a faixa etária.

Os resultados observados revelam que a segunda pessoa apresenta um quadro de mudança praticamente concluído, com 90% de sujeitos preenchidos em todas as faixas. Na sequência, vemos que a primeira pessoa segue na mesma direção, com os mais jovens já apresentando índices de 84%, seguidos pelas faixas 2 e 3, com índices de 77% e 78%, respectivamente. A terceira, confirmando o que já tinha sido mostrado em Duarte (1995), segue mais paulatinamente, porém, com um avanço significativo em relação aos resultados de Duarte (1995), com índices muito próximos, que estão entre 69% e 75%.

Por atestarmos esse quadro de mudança quase concluído na implementação dos pronomes de 1ª e 2ª pessoas, decidimos dirigir o nosso olhar, a partir de agora,

aos pronomes de 3ª pessoa, a fim de verificar quais fatores que ainda atuam mais fortemente nesse contexto de resistência.

## 4.2 OLHANDO PARA A 3ª PESSOA

Analizamos 1180 dados de terceira pessoa (28% de sujeitos nulos e 72% de sujeitos pronominais expressos). Os dados, codificados segundo a metodologia variacionista, foram submetidos ao Programa GoldVarb X, tomando como valor de aplicação o sujeito pronominal expresso. Como tínhamos dois grupos de natureza semântica, fizemos uma rodada conjunta, em que o grupo “gênero semântico” não foi selecionado. Rodadas excluindo um e outro grupo não apontaram relevância do gênero semântico<sup>6</sup>. Os grupos de fatores selecionados como relevantes para a realização da variável foram, nessa ordem, o padrão sentencial, os feixes de traços semânticos e a estrutura do sintagma complementizador (CP), todos de natureza estrutural. Fatores de natureza social não foram selecionados. Faremos, no final desta seção, alguns comentários a esse respeito.

Passemos agora à exposição do elenco de fatores que constituem cada grupo.

### 4.2.1 O PADRÃO SENTENCIAL

Na tentativa de estimular outras análises que se interessem por este tema, decidimos ilustrar com detalhes cada um dos padrões sentenciais, que levam em consideração, como já dissemos na Metodologia, a função do antecedente e sua posição no mesmo período em que o elemento é retomado ou em um período adjacente.

Padrão A

- O sujeito da encaixada posposta é correferente com o sujeito da oração matriz:

(16) a. O fato d[os juízes]<sub>i</sub> esquecerem [que um dia eles<sub>i</sub> foram advogados]. (H, 1, S)

---

<sup>6</sup> A não seleção do gênero semântico no caso da expressão do sujeito pronominal fica explicada pelo fato de o traço [+/-humano], tão relevante na pronominalização nas línguas de sujeito nulo, não ser distinto nessa proposta.

b. Então, o que era comédia assim era o próprio amigo deles que faziam isso. Aí, **ele**<sub>i</sub> fingia [que  $\emptyset$ <sub>i</sub> matava]. (M, 1, F)

#### Padrão B

- O antecedente é sujeito e se encontra em um período adjacente:

(17) a. [**César Maia**]<sub>i</sub> era mais tranquilo. **Ele**<sub>i</sub> investia mais. (H, 2, S)  
b. Mas, o garoto ficou.  $\emptyset$ <sub>i</sub> tinha saído do berço dele. (H, 3, F)

#### Padrão C

- O antecedente exerce outra função sintática e se encontra no mesmo período ou no período adjacente:

(18) a. O povo aqui de baixo tinha ódio d[**o Brizola**]<sub>i</sub> [porque **ele**<sub>i</sub> fez isso nas favelas]. (H, 2, F)  
b. Mas eu gostava de ter [**essas aulas**]<sub>i</sub>. E,  $\emptyset$ <sub>i</sub> era(m) muito boa(s). (M, 2, F)

#### Padrão D

- O antecedente é o sujeito de uma oração não adjacente no contexto precedente, ou seja, há uma ou mais orações intervenientes, ou ainda os referentes são separados (*split reference*):

(19) a. [**O meu filho**]<sub>i</sub> tava chegando em casa - que nós trabalhamos com festa, como eu te falei, né - e **ele**<sub>i</sub> tinha ido comprar bolas. Aí, não tinha as bolas que nós queríamos. **Ele**<sub>i</sub> trouxe o dinheiro. **Ele**<sub>i</sub> era bem mais novinho.  $\emptyset$ <sub>i</sub> Trouxe o dinheiro no bolso. (M, 2, S)  
b. **Ela** (a mãe) veio pra cá com dezoito anos, vinte, por aí. Aí, conheceu **o papai** aqui, também fugido da guerra.  $\emptyset$ <sub>i</sub> casaram e foram morar em Ipanema, num apartamento na Joana Angélica - uma gracinha! O prédio ainda



existe até hoje. Depois, quando eu nasci, mamãe ‘tava grávida.  $\emptyset_i$  foram pra o andar de cima. (M, 3, M)

#### Padrão E

- O antecedente, na função de sujeito, se encontra na encaixada que precede a matriz e é correferente com o sujeito dessa oração posposta (este é outro contexto-chave numa língua de sujeito nulo consistente, em que uma relação sem c-comando não impede a preferência pelo sujeito nulo com antecedente igual). Vejamos em (21a-b) um sujeito expresso na matriz e em (21c) um sujeito nulo:

- (20) a. Se **ele<sub>i</sub>** tem, alguma coisa **ele<sub>i</sub>** fez. – retoma fulano. (H, 2, M)  
 b. [Se [**o ladrão**]<sub>i</sub> é um pouco esperto], **ele<sub>i</sub>** vem pra cá. (H, 1, S)  
 c. [Se [**o aluno**]<sub>i</sub> tem problema],  $\emptyset_i$  vem pra gente conversar. (M, 2, M)

Os resultados para os padrões acima ilustrados se encontram na Tabela 1:

PADRÃO SENTENCIAL	PB	
	N/T (%)	PR
Padrão E	136/149 = 91%	<b>0,845</b>
Padrão D	240/284 = 84%	<b>0,644</b>
Padrão C	131/165 = 79%	<b>0,557</b>
Padrão B	315/530 = 59%	0,321
Padrão A	32/55 = 58%	0,254
<b>range</b>		0,591

**Tabela 1:** Sujeitos expressos (vs nulos) segundo o padrão sentencial.

Elencamos os padrões a partir dos que mais favorecem o sujeito expresso. Observando os pesos obtidos, não surpreende que os pesos mais altos no favorecimento ao uso do pronome tenham sido atestados no padrão **E**, com o antecedente numa subordinada anteposta à matriz, com o peso relativo de 0,845,

seguido pelo padrão **D**, com antecedente distante (com 0, 644) e pelo padrão **C**, com antecedente em outra função (0, 557).

Como se vê, a falta de c-comando (Padrão E), é o fator mais significativo na perda do licenciamento e identificação de um sujeito nulo; observe-se que não se trata de um fator funcional, uma vez que o antecedente tem a mesma função, está na oração precedente, mas a acessibilidade sintática se perde pela falta de c-comando. No extremo oposto, encontramos justamente os padrões **B** e **A**, nesta ordem, que representam os padrões de resistência, com pesos relativos de 0,321 e 0,254 e percentuais já acima de 50%. A diferença (*range*) observada entre o peso mais alto e o mais baixo é de 0,591, uma distância muito expressiva, que explica a seleção desse grupo de fatores em primeiro lugar. Observe-se que os percentuais são coerentes com os pesos.

Esses resultados confirmam os atestados em Barbosa, Duarte & Kato (2005) para o PB e o PE. Embora os percentuais sejam significativamente mais baixos para o PE em todos os padrões, a força dos fatores estruturais (representada pelos pesos relativos) é a mesma. A única exceção diz respeito ao padrão **E**, que atua do mesmo modo que o padrão **A** no PE, em que o sujeito nulo em orações com o mesmo antecedente não depende de c-comando. Essa sensibilidade à configuração de **c-comando** constitui forte evidência do afastamento do PB do grupo das línguas românicas de sujeito nulo consistentes. É certo que, também nos padrões A e B, embora com índices mais baixos de preenchimento, temos forte evidência de que o PB já não faz parte desse grupo.

#### 4.2.2 O TRAÇO SEMÂNTICO

Vejamos agora, com detalhe, cada feixe de traços semânticos, brevemente ilustrados na seção 2:

[+hum/+esp]

- (21) a. Aí, [**a minha tia**]<sub>i</sub> também tocava. **Ela**<sub>i</sub> tinha acordeão. (H, 3, F)  
b. [**Meu filho**]<sub>i</sub> vai casar agora em março, né? **Ø**<sub>i</sub> vai morar aqui na Domingues Ferreira. (H, 3, M)

[+hum/-esp]

- (22) a. Acredito que [**a pessoa**]<sub>i</sub> tem um talento, tem uma facilidade pra certa coisa e, a partir do momento que **ela**<sub>i</sub> desenvolve aquilo, **ela**<sub>i</sub> vai ser sensacional. (M, 1, M)  
b. [**Adolescente**]<sub>i</sub> não tem problema.  $\emptyset$ <sub>i</sub> só tem que estudar. (M, 2, M)

[-hum(-anim)/+esp]

- (23) a. [**O THE**]<sub>i</sub> é assim. Você fica sem saber [porque **ele**<sub>i</sub> muda completamente de um ano pro outro.] (M, 1, M)  
b. [**O bairro**]<sub>i</sub>, não eu acho [que  $\emptyset$ <sub>i</sub> é até seguro]. Não,  $\emptyset$ <sub>i</sub> não é completamente. (H, 2, S)

[-hum(-anim)/-esp]

- (24) a. [**Escola pública**]<sub>i</sub> nunca é boa opção [porque **elas**<sub>i</sub> são ruins]. (H, 1, F)  
b. Quando uns parente meu saíram do Macedo Sobrinho, que foram morar na Maré, lá em Bonsucesso, eles andava minha filha. [**O barraco**]<sub>i</sub> era tudo assim dentro da água.  $\emptyset$ <sub>i</sub> Era fincado dentro da água. (H, 3, F)

A Tabela 2 apresenta os resultados segundo o feixe de traços semânticos:

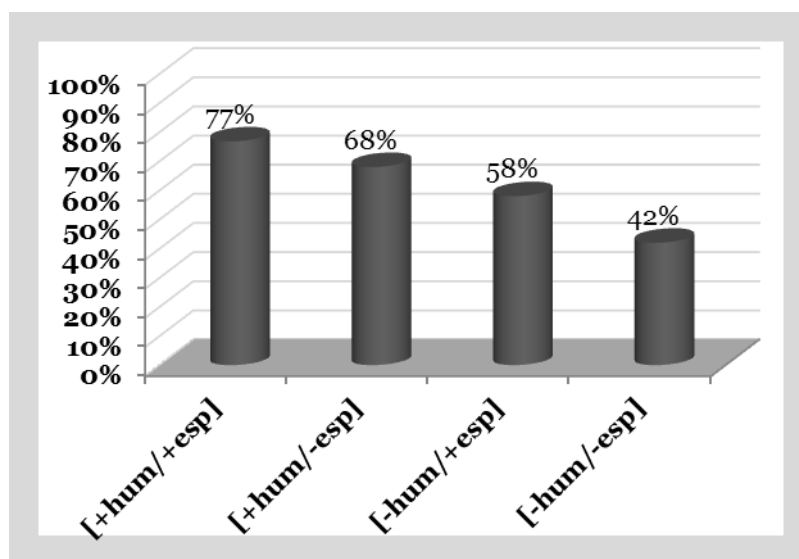
	PB	
TRAÇO SEMÂNTICO	N/T (%)	PR
[+hum/+esp]	614/800 = 76%	<b>0,572</b>
[+hum/-esp]	132/193 = 69%	<b>0,441</b>
[-hum/+esp]	101/174 = 58%	0,282
[-hum/-esp]	5/12 = 42%	0,114
<b>range</b>		0,458

**Tabela 2:** Sujeitos expressos (vs nulos) segundo o traço semântico.

A tabela 2 atesta a atuação da hierarquia referencial, apresentada na seção 2. Observamos que os referentes que apresentam o traço [+hum/+/-esp] favorecem o

preenchimento, com pesos de 0,572 e 0,441, respectivamente. Aqueles com o traço [-hum] (aqui incluindo apenas os [-anim]) se situam no extremo oposto, com pesos de 0,282 e 0,114. A diferença de 0,458 entre o peso mais alto e o mais baixo justifica sua seleção como fator relevante no processo de mudança analisado. É importante notar que o traço [+/-humano] se sobrepõe ao traço de especificidade, que, por sua vez, permite uma hierarquia observar entre eles.

O Gráfico 3, com os valores percentuais exibidos na Tabela 2, permite visualizar essa hierarquia:



**Gráfico 3:** Sujeitos expressos (vs nulos), segundo o traço semântico do referente.

Comparando com o Gráfico 2 de Duarte (1995), vemos um aumento significativo, com exceção dos referentes com o traço [-hum(-anim)/-esp], muito raros na amostra.

#### 4.2.3 A ESTRUTURA DO CP

Ilustramos a seguir esse grupo de fatores apenas anunciado na metodologia:

SPEC do CP preenchido (presença de pronomes relativos e interrogativos na periferia esquerda da sentença)

- 25) a. São **[pessoas** que vieram para o Rio de Janeiro em busca de uma ascensão social, em busca de qualidade de vida]; **[que Ø<sub>i</sub>** não tinham nos seus locais de origem]. (H, 1, M)
- b. Se você gosta d**[a pessoa]**<sub>i</sub>, independente do sotaque **[que ela<sub>i</sub>** vai ter], pra você aquilo se torna bonito. (H, 1, F)
- c. Se eu deixo **[a minha filha]**<sub>i</sub> no orkut o tempo todo, eu não sei **[o quê** que **ela<sub>i</sub>** (es)tá falando], né. (H, 2, S)

Núcleo do CP preenchido (presença de conjunção)

- (26) a. Se você não mostrar para **[o seu filho]**<sub>i</sub> **[que ele<sub>i</sub>** tem que respeitar você, obedecer você, obedecer (a)os mais velho,]] **ele<sub>i</sub>** não vai ter base de nada. (M, 2, M)
- b. **[O Santo Inácio]**<sub>i</sub> acho **[que Ø<sub>i</sub>** é o melhor colégio daqui], né? (H, 3, F)

Sem elementos em CP

- (27) a. Então, **ela<sub>i</sub>** faz o que é necessário. **Ela<sub>i</sub>** se arma de todo conhecimento de que ela sabe. (H, 1, M)
- b. **Ø<sub>3pp</sub>** acabam se alojando nas ruas. (H, 1, M)

A tabela 3 apresenta os resultados:

ESTRUTURA DO CP	PB	
	N/T (%)	PR
SPEC de CP preenchido	56/60 = 93%	<b>0,900</b>
Sem elementos no CP	651/906 = 71%	0,474
Núcleo do CP preenchido	146/219 = 66%	0,459
<b>range</b>		0,441

**Tabela 3:** Sujeitos expressos (vs nulos) segundo a estrutura do CP.

Analisando a tabela, verificamos que, apesar de todos os índices de preenchimento serem altos, o fator SPEC de CP preenchido, isto é, a presença de um pronome interrogativo ou relativo encabeçando uma oração, constitui o contexto que mais favorece o preenchimento do sujeito, com índices de 93% (peso relativo de 0,900), seguido a uma distância significativa pelas estruturas com conjunções (elemento no núcleo do CP) e sem elemento nessa posição. A relevância da estrutura do CP fica evidente na diferença de 0,441 (*range*) entre a presença de um pronome em relação a uma conjunção ou à ausência de elementos em CP. Uma investigação das estruturas com pronomes relativos e interrogativos revela que esses contextos não favorecem estruturas com o padrão A, com o antecedente do relativo na função de sujeito, ilustrado em (25a), muito raros na amostra. As relativas são, na verdade um contexto muito favorável ao preenchimento do sujeito em LSNs, o que pode explicar a pouca resistência dessas estruturas nesse processo de mudança (cf. em Duarte 1995 a análise da fala portuguesa no Cap. 1).

Em resumo, os resultados apontam que fatores de natureza estrutural no processo de mudança se sobrepõem a fatores sociais, o que não surpreende, já que um pronome sujeito expresso não é percebido e não está, pois, sujeito a estigma, o que facilita sua implementação no sistema.

#### 4.2.4 MAIS UMA EVIDÊNCIA DA MUDANÇA: OS DESLOCAMENTOS À ESQUERDA

Tal como mencionamos na seção 2, a ocorrência de sujeitos deslocados à esquerda é uma importante evidência do encaixamento da mudança. De fato, em nosso **corpus**, foram computados, entre os sujeitos pronominais expresso, 124 dados de sujeitos deslocados à esquerda, de primeira e terceira pessoas:<sup>7</sup> Tal como mostramos em (10) acima, as construções de deslocamento à esquerda são frequentes. Em (28) vemos sujeitos definidos de 1<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> pessoas bem como um sujeito de 1<sup>a</sup> pessoa do plural retomados por um pronome fraco:

- (28) a. Mas, **EU** quanto a isso **eu** não tenho nem o que me queixar deles. (M, 1, S)  
b. **A Nanci<sub>i</sub> ela<sub>i</sub>** é muito legal. (H, 1, F)  
c. [**Esses grupos étnicos raciais**]<sub>i</sub> **eles<sub>i</sub>** estariam incluídos nas cotas sociais, né. (H, 1, M)

---

<sup>7</sup> Sujeitos de segunda pessoa são muito raros nas entrevistas sociolinguísticas.

d. [**Minha família eu minha esposa e minhas duas filhas**]<sub>i</sub> né, **a gente**<sub>i</sub> vive bem graças a Deus. (H, 2, M)

Tal como mencionado na seção 2, atestamos DPs deslocados com os traços [+hum/-esp], [-anim/+esp] e [-anim/-esp]:

- (29) a. [**A doméstica**]<sub>i</sub> **ela**<sub>i</sub> trabalha, trabalha, trabalha e não tem melhoria. (H, 2, M)  
b. Eu acho que [**essa área de programação visual**]<sub>i</sub> **ela**<sub>i</sub> é um pouco mais difícil]. (M, 1, M)  
c. [**Um robô**]<sub>i</sub> **ele**<sub>i</sub> vai tirar as medida. (H, 2, M)

Atestamos, ainda, sujeitos quantificados deslocados, ilustrados em (30):

- (30) Aí, [**muitas dessas pessoas**]<sub>i</sub> **elas**<sub>i</sub> estudavam artes cênicas. (M, 1, M)

Passemos às considerações finais.

## 5. CONCLUINDO

Os resultados aqui apresentados mostram que a mudança em direção ao preenchimento do sujeito referencial definido avança na fala carioca (e esses resultados podem ser estendidos a outras áreas urbanas do país, que exibem grande semelhança na sua sintaxe). Eles podem ainda contribuir para (a) mostrar que a associação da TVM com a TP&P vai muito além de uma sociolinguística de probabilidades e (b) para incluir o PB entre as LSN parcial. No primeiro caso, temos a evidência de que uma análise variacionista não só pode responder à questão da remarcação do valor de um determinado parâmetro a partir das propriedades relacionadas a tal valor, mas é capaz de mostrar como essas propriedades se alteram ao longo de um processo de mudança. A “linguística de probabilidades” é um instrumento poderoso na investigação da mudança, desde que tenha a seu serviço uma teoria linguística que lhe forneça fatores confiáveis a guiar os passos da análise. No segundo caso, temos evidências de que, no que se refere aos sujeitos aqui analisados, os sujeitos nulos ocorrem nos mesmos contextos apontados por

Holmberg e Sheehan (2010) para as línguas de SLN parcial (aqui referido como padrão A), embora o PB exiba ainda sujeitos nulos no padrão B (contexto inicial com um antecedente no contexto precedente na função de sujeito). Entretanto, no PB esses sujeitos nulos referenciais estão em processo de extinção e se encontram em variação com os expressos, cada vez mais frequentes. Não temos qualquer informação sobre como eles se distribuem nas chamadas LSN parcial. Estão em variação com pronomes expressos?

Concluimos, retomando nossa introdução: a associação da TVM com uma teoria linguística como a TP&P permite acompanhar um processo de mudança e observar os pesos dos fatores que facilitam ou dificultam tal processo. Esses fatores, que vêm justamente das propriedades associadas a uma determinada marcação paramétrica, revelam pesos relativos com igual força em sistemas com marcações paramétricas distintas e permitem acompanhar a perda de força à medida que uma nova forma se sobrepõe a outra. No PE, os padrões estruturais A, B (e o padrão E) têm peso relativo em relação ao favorecimento do sujeito nulo mais alto do que os padrões C e D, ainda que num sistema [+Sujeito Nulo] os percentuais de sujeitos não expressos sejam significativamente mais altos em todos os padrões.

Esperamos, enfim, ter mostrado, que a Sociolinguística Paramétrica não consiste em fazer uma “leitura paramétrica” de resultados da pesquisa variacionista; pelo contrário, a pesquisa empírica parte das generalizações paramétricas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AVANZI, Mathieu (2011) La dislocation à gauche em français spontané. Étude instrumentale. Etude Instrumentale. Le français moderne no. 2, Neuchatel & de Prins Ouest Nanterre.
- BARBOSA, Pilar; DUARTE, M. Eugênia L.; KATO, M. A. Null subjects in European & Brazilian Portuguese. In *Journal of Portuguese Linguistic: Studies in the Comparative Syntax of European & Brazilian Portuguese*, 4 (2), 11-52, 2005.
- BARNES, Betsy K. An empirical study of the Syntax and Pragmatics of left dislocations in spoken French. In: JAEGGLI, Oswaldo; SILVA-CORVALÁN, Carmen (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris, 1986, 207-224.
- CHOMSKY, Noam. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CREUS, S; MENUZZI, S. O papel do gênero na alternância entre objeto nulo e pronome pleno em português brasileiro. *Revista da ABRALIN*, v. 3, n. 1-2, 2004.
- CYRINO, Sônia M. L. (1993). Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In I. Roberts & M. A. Kato (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 163-184.



CYRINO, Sônia M. L. (1994) O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico. Tese de doutorado, UNICAMP.

CYRINO, Sônia; DUARTE M. Eugênia. L.; KATO, Mary A. Visible subjects and invisible clitics in Brazilian Portuguese. In: KATO, Mary A.; NEGRÃO, Esmeralda V. (Eds.) *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt, Editorial Vervuert/Iberoamericana, 2000, 55-104.

DUARTE, M. Eugênia. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary A. (Orgs.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1993, 07-128.

\_\_\_\_\_. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade de Campinas, Campinas, 1995.

\_\_\_\_\_. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: PAIVA, M. da Conceição; DUARTE, M. Eugênia L. (Orgs.). *Mudança lingüística em tempo real*. Rio de Janeiro: Contra Capa: Faperj, 2003, 115-128.

\_\_\_\_\_. A Sociolinguística Paramétrica. In: MOLLICA, M. Cecília; FERRAREZI JR, Celso (orgs.) *Sociolinguística, sociolinguísticas: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2016, 33-44.

DUARTE, M. Eugênia L.; MOURÃO, Gabriela; SANTOS, Heitor. Os sujeitos de terceira pessoa: revisitando Duarte 1993. In: DUARTE, M. E. L. *O sujeito nulo em peças de teatro (1843-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, 21-44.

HOLMBERG, Anders. Null subject parameters. In: BIBERAUER, Theresa et al. (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press. 2010, 88-124.

HOLMBERG, Anders; SHEEHAN, Michelle. Control into finite clauses in partial null-subject languages, In: T. Biberauer, A. Holmberg, I. Roberts & M. Sheehan. (eds.) *Parametric Variation: null subjects in Minimalist Theory*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010, 125-152.

KATO, Mary A. Strong pronouns & weak pronominals in the null subject parameter. Berlin: Mouton de Gruyter. *PROBUS*, (11)1: 1-37, 1999.

LABOV, William. *Padrões Sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. (Tradução de Marcos Bagno do original *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.)

OTHERO, Gabriel; SPINELLI, A. Carolina. Sujeito expresso e oculto em peças teatrais cariocas do início do século XXI (e sua relação com o objeto nulo em PB). Comunicação oral apresentada no X SeTAL – Seminário e Teoria de Análise Linguística, no Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

TAGLIAMONTE, Sali. University of Toronto, Canadá, Goldvarb X. 2005.

TARALLO, Fernando. (1987). Por uma Sociolinguística Românica “Paramétrica”: Fonologia e Sintaxe. *Ensaio de Linguística*, UFMG, v. 13, 51-84, 1987.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para o estudo da mudança lingüística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 (Tradução de Marcos Bagno do original *Empirical foundations for a theory of language change*. In: LEHMAN, W; MALKIEL, Y. (eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press.)

Artigo recebido em 30 de novembro de 2017.

Aceito para publicação em 20 de março de 2018.